

Obstáculos complicam retomada do abastecimento de água na Capital

O desafio de reabastecer o Centro

Nível da inundação e maquinário pesado em área baixa dificultam oferta de água potável e escoamento das ruas na Capital

ANDERSON AIRES
anderson.aires@zerohora.com.br

Diante da resistência do nível do Guaíba, que segue estacionado em parte da região central de Porto Alegre desde a última sexta-feira, estações de tratamento de água e de bombeamento pluvial na área permanecem fora de operação.

Essa paralisação em unidades-chave do sistema impede a chegada de água na torneira de parte da população residencial, de hospitais e o enxugamento do rio que se formou onde antes ruas e avenidas costuravam e ligavam o coração da cidade. Também impede o retorno de famílias para suas casas, deixa outras ilhadas e afeta serviços públicos enquanto a água não recua.

Na região, a casa de bombas número 16, na Rótula das Cuias, e a Estação de Tratamento de Água Moinhos de Vento (ETA), estão paradas em razão da inundação.

Profundidade do maquinário, peso dos equipamentos e altura da água prejudicam o acesso e o conserto mais célere, segundo o Dmae, que tem dificuldade em projetar a retomada da operação e abastecimento nesses locais afetados.

Até as 17h de ontem, quatro das seis ETAs seguiam operando em regime parcial, com capacidade reduzida. Já no âmbito das casas de bombas, apenas quatro das 23 estruturas espalhadas pela cidade seguiam funcionando.

"Afogado"

A ETA Moinhos de Vento abastece pontos importantes da região central da cidade, como hospitais e órgãos de serviços públicos. Com operação suspensa desde sábado, essa unidade apresenta ambiente complexo para reparo, segundo o Dmae. Isso ocorre pela profundidade do local que abriga os equipamentos que garantem a operação da estação, segundo o diretor-geral do departamento, Maurício Loss:

— O ponto de captação do sistema Moinhos de Vento é bem baixo. Então, ele está bem afogado. Estamos buscando alternativas de isolar aquela estação de bombeamento, tentar drenar a água, avaliar também essa questão de motores, de painéis, o que ficou danificado, para que a gente possa substituir e voltar à operação.

Loss explicou que uma manobra de solda na área foi estudada, mas impossibilitada pelo alagamento. Diante do fato de a estação estar inundada e com equipamentos encharcados, Loss não descarta a necessidade de troca do maquinário. Em razão disso, afirma que é difícil estimar prazo para retomada da operação na ETA Moinhos de Vento:

— Estamos também traçando outras alternativas, já pensando em trocas de motores, enfim, tudo mais. Estamos atuando e ainda não temos uma previsão exata, mas estamos fazendo de tudo para voltar essa operação até o final de semana.

A importância

• O diretor-geral do Dmae, Maurício Loss, informa que entre as 149,8 mil unidades atendidas pela ETA Moinhos de Vento estão instituições de primeira necessidade importantes, como os hospitais Fêmnia, HPS, Moinhos de Vento e Santa Casa, e outros órgãos públicos.

• Para mitigar os efeitos dos desabastecimentos em alguns desses locais, existe uma operação emergencial, segundo o dirigente. — Seguem sendo abastecidos por pipas, mas também temos ali, enfim, Tribunal de Contas, temos tantos outros órgãos que ficam nessa região mais central, a própria prefeitura, o governo do Estado, que acabam tendo essa dificuldade de abastecimento — destaca.

Futuro e prevenção

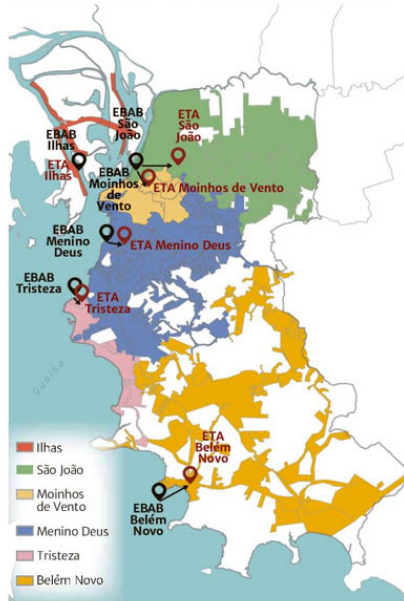
• O professor do Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH) da UFRGS Fernando Dornelles afirma que, para evitar novos episódios, é necessário avançar em regulação para que os sistemas de proteção contra cheias garantam sua eficácia, com comportas herméticas, casas de bombas confiáveis, altura e integridade dos diques.

• Uma solução seria criar legislações em moldes parecidos com os observados em barragens, repensando e exigindo parâmetros atualizados para sistemas de diques.

• Esse modelo exigiria protocolos rígidos visto que a falha do sistema "causa enormes prejuízos, assim como a ruptura de barragens".

Sob pressão

Saiba quais as estações de tratamento de captação e sua abrangência

**Como estão****ETA Moinhos de Vento**

• Estação que bombeia água para tratamento está inundada. Profundidade dos equipamentos dificulta manobra para religamento.

ETA Tristeza

• A estação foi religada no início da noite de terça-feira. No entanto, opera com capacidade reduzida, o que pode provocar a demora na chegada da água em áreas de baixa pressão.

ETA Ilhas

• Estação fora de operação por danos estruturais provocados pela enchente.

ETA Menino Deus

• A estação foi religada no início da noite de terça-feira e opera com capacidade reduzida, o que pode provocar a demora na chegada da água em áreas de baixa pressão.

ETA São João

• Estação foi religada na manhã de terça-feira. Opera com capacidade reduzida, o que pode provocar a demora na chegada da água em áreas de baixa pressão.

ETA Belém Novo

• Segue funcionando de maneira parcial por causa da grande turbidez da água, que dificulta o tratamento.

Situação complexa em casas de bombas

Até as 17h de ontem, o número de casas de bombas em operação seguia o mesmo: quatro das 23 unidades. São as Estações de Bombeamento de Águas Pluviais (Ebaps) 7 (que protege as regiões de Santa Maria Goretti e Vila Sesi), 11A e 11B (que protegem o Hipódromo e a Vila Hípica), e 19 (Vila Planetário).

Das 19 casas de bombas que seguem fora de operação, uma das situações mais complexas é observada na Ebap número 16, localizada na região da Rótula das Cuias, responsável por proteger, principalmente, o bairro Cidade Baixa.

Na última segunda-feira, a energia dessa estação precisou ser desligada pela CEEE Equatorial em razão de perigo de choques elétricos na área. Com essa suspensão, a água que inundava o centro da capital gaúcha se espalhou com velocidade pelos

bairros Menino Deus e Cidade Baixa durante a tarde de segunda-feira e segue estacionada na região.

Obstáculos

O diretor-geral do Dmae, Maurício Loss, explica que o restabelecimento da operação na casa de bombas número 16 é complexo em razão de dois fatores: altura da água na região e tamanho e peso do maquinário nessa estação. Isso dificulta também o acesso de equipes do Dmae, que ainda não conseguiu avaliar o tamanho do estrago e necessidade de reparo:

— O nosso foco é a estação de número 16, que é muito importante para essa região bem central da cidade. A gente está ali atuando, buscando alternativas de isolamento, de drenagem, e ali é uma área que foi bem ala-

gada. Pode ser que tenhamos de substituir alguns motores, painéis, para voltar a operação, mas ainda não temos uma previsão.

Ele afirmou que as quatro Ebaps em funcionamento ainda correm risco de parada. Isso ocorre diante da eventual necessidade de desligamento de energia por motivos de segurança de tráfego em áreas alagadas, segundo o dirigente.

Professor do Departamento de Hidromecânica e Hidrologia do Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Fernando Dornelles afirma que o fato dessas casas de bomba estarem em regiões menos afetadas pela inundação diminui parte do risco de parada. Eventual paralisação ocorreria por outros fatores, como falha mecânica e corte de energia elétrica na região.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS**Página: 8**